

# POWER OF VOICES FAIR FOR ALL

**CDD**  
Centro para  
Democracia e  
Direitos Humanos

HABILITANDO CADEIAS DE VALOR PRO-POBRE

Sexta - feira, 28 de Fevereiro de 2025 | Ano II, n.º 10 | Director: Prof. Adriano Nuvunga



UM MODELO AGRÍCOLA DE APOIO LIDERADO  
POR MULHERES E JOVENS DAS COMUNIDADES

**EMPREENDEDORES JOVENS NA  
CADEIA DE VALOR DO ZAMBEZE**

**E**m Moçambique, na região do Zambeze, a dinâmica de produção e comercialização agrícola tem passado por transformações, apesar dos desafios estruturais persistentes no sector. Este processo de evolução tem sido particularmente notável no papel de jovens e mulheres ao longo de toda a cadeia de valor, que têm conseguido não só superar obstáculos, mas também converter esses desafios em valiosas oportunidades económicas.

Este movimento é sustentado por um modelo de empreendedorismo local, que visa fortalecer a capacidade das comunidades para gerar valor a partir dos seus próprios recursos e capacidades. Ao invés de depender exclusivamente de intervenções externas, as comunidades têm apostado em soluções internas, o que tem impulsionado um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável. Os jovens, em particular, têm-se destacado como agentes de mudança, assumindo papéis-chave tanto na produção agrícola como na comercialização local de produtos, ao passo que as mulheres, tradicionalmente envolvidas nas tarefas de cultivo, estão também a assumir um papel de liderança na gestão e na dinamização das actividades económicas.

Este modelo tem como base a ideia de autossustentabilidade, em que as comunidades não só produzem os bens de consumo necessários, como também garantem a distribuição e comercialização local dos seus produtos. Através da mobilização e capacitação de actores locais, a comunidade tem sido capaz de criar um mercado interno de sementes e outros insumos relevantes, diminuindo a dependência de mercados externos e superando, ao

mesmo tempo, as dificuldades logísticas que costumam prejudicar o sector agrícola em zonas rurais.

A capacitação, seja através de formação técnica especializada ou de iniciativas de microempreendedorismo, tem sido um dos pilares fundamentais para que essas comunidades se tornem mais competitivas e resilientes. Quando essas formações são adaptadas às necessidades específicas das comunidades e oferecem competências práticas para a gestão de pequenas explorações agrícolas, o impacto é imediato. Além disso, a mobilização comunitária, facilitada por programas de desenvolvimento local, tem sido crucial para garantir que os benefícios dessas formações sejam transferidos para o colectivo, permitindo que as comunidades se organizem de forma autónoma para resolver problemas, como o acesso a insumos ou a comercialização de produtos.

Este modelo de empreendedorismo, ao envolver apenas intervenientes locais, demonstra que é possível criar uma rede de valor eficiente, sem recorrer a intervenções externas dispendiosas, ou através de uma intervenção mínima. A criação de mercados locais de insumos e produtos agrícolas, geridos pelos próprios membros da comunidade, facilita a circulação de bens e da matéria-prima e melhora a eficiência da cadeia de valor. A redução da necessidade de transportes de longa distância para aquisição de sementes e outros insumos agrícolas tem não só diminuído os custos operacionais, como também permitido que os preços se mantenham mais acessíveis para os produtores.

## Empreendedores Locais: Jovens e Mulheres como Agentes de Mudança

Ao longo do Zambeze, jovens e mulheres têm assumido um papel essencial, não apenas como produtores de produtos agrícolas, mas também como agentes importantes na comercialização desses produtos. O modelo que tem vindo a ser implementado permite que esses jovens, além de serem responsáveis pela produção de produtos agrícolas essenciais, desempenhem igualmente o papel de agro-dilers, ou seja, intermediários na distribuição local de insumos e sementes para outras comunidades. A relevância deste modelo é que ele coloca as próprias comunidades como agentes primários da sua acção.

Isto significa que as sementes e insumos agrícolas são produzidos localmente e vendidos dentro da própria comunidade, sem a necessidade de recorrer a grandes distâncias ou a custos com transportes. Isso não só reduz o custo de produção, como também facilita o acesso a produtos essenciais para a agricultura.

O impacto imediato deste modelo é a criação de um ciclo produtivo fechado, em que a produção, distribuição e consumo acontecem dentro de um raio geográfico pequeno, sem depender de intermediários ou transportes que muitas vezes tornam a cadeia de valor ineficiente.





O produto agrícola é cultivado na comunidade, processado e comercializado também localmente mas sem se fechar para outros mercados, garantindo que as famílias envolvidas possam beneficiar de preços mais acessíveis e de um mercado seguro para as suas produções.

## **Superando Desafios com Capacitação Local**

Além da produção agrícola, o modelo também resolve um problema estrutural no sector, como o caso da falta de extensionistas qualificados nas comunidades rurais. Tradicionalmente, os extensionistas, muitas vezes

residentes em vilas distritais, enfrentam dificuldades logísticas que reduzem a eficácia do seu trabalho. Estes profissionais precisam de deslocar-se longas distâncias para alcançar as comunidades, o que gera custos elevados



com o transporte, combustível e outros recursos, sem falar na dificuldade de comunicação e na baixa frequência das visitas.

O modelo proposto para resolver essa lacuna é simples e eficaz. A ideia é formar, dentro de cada comunidade, um ou dois jovens através de bolsas de estudo em Institutos Técnicos Profissionais, capacitando-os para assumirem o papel de extensionistas locais. Esses jovens, após a sua formação, retornariam às suas comunidades e aplicariam os conhecimentos adquiridos para prestar assistência técnica e apoiar os outros produtores agrícolas. Este modelo tem uma grande vantagem. Ao capacitar recursos humanos locais, não só se resol-

ve o problema de logística e custos associados à movimentação de extensionistas de fora, como também se garante que os conhecimentos adquiridos ficam na comunidade e são utilizados de forma contínua e sustentável.

A vantagem desse modelo é clara. Com o retorno dos jovens às suas comunidades cria-se uma rede de suporte técnico que é ao mesmo tempo local e eficiente, reduzindo os custos operacionais para as autoridades e para os produtores. Mais importante ainda, este modelo reduz a dependência de recursos externos e fortalece o sentido de autonomia e responsabilidade local, permitindo que as comunidades se tornem auto-suficientes ao longo do tempo.

## **O Papel do Projecto “Fair for All” na Implementação do Modelo**

O Projecto Fair for All, com o seu compromisso de promover a inclusão social e a justiça económica, tem sido um parceiro fundamental na implementação deste modelo de desenvolvimento comunitário. O projecto visa garantir que as comunidades sejam capazes de participar de forma independente na cadeia de valor, começando pela produção de alimentos, comercialização de sementes e insumos agrícolas, até à venda e distribuição dos produtos finais. A ideia central do projecto é capacitar as comunidades, não apenas para que possam ser mais produtivas, mas também para que

adquiram a autonomia necessária para gerir as suas próprias actividades económicas, sem depender de recursos externos.

Com o apoio do Projecto Fair for All, as comunidades têm recebido a formação necessária para melhorar as suas práticas agrícolas, aprender sobre a gestão de negócios e expandir as suas capacidades comerciais. Mais do que isso, Projecto tem incentivado a criação de redes de apoio entre os próprios membros das comunidades, onde as mulheres e os jovens desempenham um papel central no processo de empreendedorismo.

## **O Modelo Ideal de Apoio: Empoderamento Local e Liderança Comunitária**

A estrutura de apoio necessária para garantir o sucesso deste modelo não precisa ser complexa. Pelo contrário, ela deve ser simples, eficiente e baseada no empoderamento local. As comunidades, com o apoio do governo, das organizações não-governamentais e de projectos, como o Fair for All, devem liderar os seus próprios processos, com um acom-

panhamento técnico adequado, mas sempre mantendo a autonomia na gestão e na tomada de decisões.

Este modelo ideal é aquele em que as comunidades não são apenas receptoras de apoio, mas se tornam também líderes dos seus próprios processos de desenvolvimento. A capacitação dos jovens, que actuam como

extensionistas locais e empreendedores, é fundamental para garantir que o conhecimento técnico seja transmitido de forma eficaz e que o ciclo de produção e comercialização agrícola se mantenha sustentável. A capacitação deve ser dada em áreas-chave como a gestão agrícola, comércio de sementes, processamento de produtos agrícolas e gestão financeira.

Portanto, a chave para o sucesso deste mo-

delo está na simplificação dos processos de apoio, na escolha de líderes locais e no fornecimento de uma formação focada nas necessidades específicas de cada comunidade. Com este modelo, as comunidades do Zambeze têm a capacidade de resolver os seus próprios desafios agrícolas, contribuindo para uma economia local mais forte e para um futuro mais próspero para todos os seus membros.



### MISSÃO:

*Inspirar e impulsionar ações para proteger os direitos humanos, fortalecer a democracia e promover a justiça.*

### MISSION:

*Inspiring and driving actions to protect human rights, strengthen democracy, and promote justice.*

#### INFORMAÇÃO EDITORIAL:

**Propriedade:** CDD – Centro para Direitos Humanos  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Editor:** André Mulungo  
**Autor:** Salvado Raisse  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
Rua Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.  
Telefone: +258 21 085 797

 CDD\_moz  
**E-mail:** [info@cddmoz.org](mailto:info@cddmoz.org)  
**Website:** <http://www.cddmoz.org>

#### PARCEIROS PROGRAMÁTICOS



#### PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

Com apoio:

